

# PSIU!

Jornal da Psicologia da UFRGS - Número 1 - Março 2004

Quem escreveu  
nesta edição:

Fábio da Costa  
Daniela Dias  
Marília Jacoby  
Manoela Carpenedo  
Carolina Chassot  
Vitor Butkus

## Esse é o primeiro PSIU

Seja bem vindo, sinta-se em casa, só não tire os sapatos.  
Estamos criando um jornal na Psico e todos estão convidado a  
escrever, mandar fotos, desenhos, poesias, reclamações, recados,  
protestos, declarações de amor --- o que for.

Tem algo a dizer?  
[emaildopsiu@pop.com.br](mailto:emaildopsiu@pop.com.br)

### ÍNDICE

Editorial.....	1
Correio.....	2
Poesia.....	2
Agenda.....	2
Os bons encontros do ENEP.....	3
A performance e as inqui- etudes de um ponto fi- nal.....	4
Nós e o cinema.....	5
Ver-SUS.....	6
Avisos.....	7
Prestação de Contas....	7
Agradeço por conseguir escrever.....	8



Editoração: Carolina Chassot e Manoela Carpenedo  
Realização: DAP - Diretório Acadêmico da Psicologia

Por que criar um jornal da Psicologia? A idéia já vem sendo comentada desde o início do ano passado nas reuniões do DAP, mas até hoje tinha ficado só na vontade. Outros jornais já marcaram outras épocas, como o "Psicotrash" e o antigo "Psiu", porém sentíamos falta de um novo espaço para os alunos colocarem suas opiniões. Queríamos a possibilidade de sair da

mesmice, de saber o que acontece à nossa volta, de conhecer os colegas através dos seus textos, de suas poesias. A proposta é ter um "ponto de encontro" onde todos possam falar e se ouvir.

Acreditamos que quando lemos alguma coisa entramos em contato com a idéia de outra pessoa sobre determinado assunto e confrontamos essa idéia com a nossa própria visão. Ao passo que, quando

escrevemos somos obrigados a "polir" as idéias, colocá-las da melhor forma possível para que o outro possa compreendê-las e aproximá-las do seu entendimento. São dois lados de um mesmo processo e é interessante experimentar ambos papéis.

Para que essa proposta siga em frente, é importante a participação de todos. Agora que o jornal saiu da cabeça para o papel e esse espaço foi criado, cabe a todos nós preenchê-lo sem receios. Mande um e-mail e colabore com essa troca de idéias. ■

## Poesia

Marília Jacoby (4° ano) REFÚGIO

### FLASH

O que se foi  
não interessa.  
O mundo gira,  
a vida  
pressa.  
Vou nessa.  
E, se der,  
apareça.  
Horários, alucinações,  
relógios, previsões,  
viagens,  
passagens,  
miragens.  
Correria, hibernação,  
aprisionamento.  
No time, stress,  
engarrafamento.  
Vinhos, sozinhos,  
garoa e  
corrimões.  
Ruas ou estâncias,  
alternâncias nas aparições.  
Fantamas da cidade  
prevenidos  
ou sonhos esquecidos  
nas multidões.

As chamas se apagam  
E as vozes, arruinadas,  
calam.  
O silêncio de um noturno  
dedilhado entre meus dedos  
voa pela casa.  
E as notas saem petrificadas  
As luzes estão apagadas  
Uma singela gota de pranto  
escorregando  
E na minha música, o meu  
refúgio  
Onde me escondo e me seguro  
quando lá fora está ventando...

### FINITUDE

O mais inevitável  
escondemos.  
E condenamos  
banalidades  
inevitáveis.  
Construções que já são  
ruínas.  
( Sonhos que são grão de areia  
num deserto).  
E se não existem fugas,  
a finitude  
é uma espera.

## Agenda

◆ 18/03, quinta-feira, às 18h30: "Conversando Sobre... Saúde Ambiental" - evento do SAÚDES. No Gramado da Psico ou na sala 210 (se chover)

◆ 23/03, terça-feira das 11h30 às 14h30: Troca Tudo no Gramado da Psico. Os alunos podem levar o que quiserem para trocar: CDs, livros, roupas, etc.

◆ 23/03, terça-feira às 17h30 (a confirmar pelos murais): Filme "Tiros em Columbine" com comentário do psicólogo Fábio Dal Molin. Na sala 210.

◆ 17/04, sábado: Campeonato de Futebol da Psico

*Programação sujeita a alterações. Confirme nos murais e com os colegas os locais e horários.*

## Anuncie Aqui

Seu anúncio será lido por 200 pessoas e você ainda ajuda a manter nosso jornal.  
Escreva para [emaildopsiu@pop.com.br](mailto:emaildopsiu@pop.com.br)

Todo ano, em algum lugar do Brasil, acontece o ENEP - o Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia. O ENEP é um “congresso de estudantes”, por isso tem a função fazer discussões que sejam importantes para esses estudantes, como as questões relacionadas à Universidade (a reforma universitária, por exemplo) ou à profissão de psicólogo (o título de especialista, o ato médico). Também é um lugar de troca de informações e experiências, onde os estudantes podem saber

mais sobre outras teorias e práticas de Psicologia que talvez sejam pouco enfatizadas nas suas universidades mas que estão sendo estudadas em outros lugares com muita profundidade.

Justamente por ser um congresso de estudantes, o ENEP tem um caráter (muito) mais informal do que congressos convencionais. Afinal, estudante é chinelão e gosta de festa. E no ENEP tem muita festa. Outra coisa que tem no ENEP são oportunidades de conhecer pessoas diferentes, como aquela menina que estuda na USP e fala coisas muito legais, aqueles caras malucos do Espírito Santo, os nordestinos que fazem “Pissicologia” e lêem Sartre, as gurias engajadas do movimento estudantil que sabem de coisas que a maioria nem imaginava que existiam. No ENEP as pessoas se conhecem em todos os lugares: na fila do RU, no alojamento, na festa, no ônibus, na praia - qualquer lugar é lugar para puxar uma conversa e aprender alguma coisa nova.

Em Aracaju, no ano passado, um outro grupo marcou presença no 18o. ENEP: os gaúchos da UFRGS, PUC-RS e UNISC, que viraram lenda por terem viajado 60 horas de ônibus. Apesar disso tinham energia pra participar de todas as discussões, provocando



Uma parte dos gaúchos que foram ao ENEP 2003

risos quando soltavam um “bah!” no microfone. Ajudaram a pensar, sistematizar e votar o estatuto da Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia (nosso órgão representativo que não existia e foi criado nesse ENEP). Os gaúchos eram quase onipresentes: estavam em todos os grupos de trabalho, nas comissões de sistematização e até na mesa da plenária final do ENEP. Tanto envolvimento foi reconhecido pelos participantes de outros estados, que incentivaram a gauchada a assumir uma Coordenação, efetivando uma participação mais intensa no movimento estudantil. Participação intensa também aconteceu nas festas do ENEP, onde os “guris” arrasaram corações e as “gurias” comprovaram a fama que as gaúchas têm no resto do país.

No final, o pessoal voltou para o Sul cansado mas muito feliz, com mil histórias pra contar, muitos novos amigos e um baita aprendizado na bagagem. Outra experiência como essa, só no próximo ENEP! ■

Carolina Chassot (2° ano)

## O QUE ACONTECEU NO 18o. ENEP - 17 a 22 de novembro de 2003

- ✓ Criação da CONEP (Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia)
- ✓ Elaboração e votação do estatuto da CONEP - disponível em [www.infonet.com.br/eneparacaju/](http://www.infonet.com.br/eneparacaju/)
- ✓ Eleição dos Centros Acadêmicos que compõem as Coordenações
- ✓ Mini Cursos sobre temas variados da psicologia
- ✓ Mesas-redondas e debates
- ✓ Reuniões informais do movimento estudantil
- ✓ Grupos de trabalho para discutir Movimento Estudantil, Políticas de Ensino Superior, Formação Profissional, Movimentos Sociais e Políticas de Saúde
- ✓ Festas: no Mercado Público de Aracaju, no centro histórico de São Cristóvão, na praia e na UFS, com forró, rock, blues, música eletrônica e MPB.

## A performance e as inquietudes de um ponto final

Tentativas de fazer parecer duradouro o improvisado casual do instante. Se algumas impressionantes teorias psicológicas buscam abarcar em processos-moldes a inefável imprecisão do viver, não se verá aqui tamanha presunção-abóbora. Algo pode ser dito, ainda assim, (desafiando as impossibilidades magnas ou compondo uma canção ao acaso), a respeito dessa manifestação artística contemporânea que se calca na falta de calcaduras, dando alguma carne, um tanto de suor e, sim, excremento à vontade artaudiana de imprecisar os limites entre a vida e a arte. Desmitifica-se a palavra, o gesto, a linguagem, representando-se a ficção do representar, encenando-criando aquilo que nunca pôde ser ensaiado: o dia de hoje.

Numa tentativa de genealogia, dessas que tentam imaginar a origem do que ainda está em andamento, pode-se, apoiando-se em exemplos de artistas inovadores do espaço representacional, situar os inícios da arte performática nas frentes cênicas e plásticas do século passado, o de número vinte. No âmbito cênico, os happenings de Andy Warhol e Allan Kaprow; no plano plástico, a body art de Orlan.

Nos anos sessenta, os happenings movimentaram ocasiões sociais, tomando como cenário espaços inusitados como saguões, bares, galerias, salões de festa, boates, escadarias, banque-tes, cerimônias. Eram aparições performativas fundamentalmente improvisadas, por vezes inesperadas, feitas por jovens artistas sem palco ou

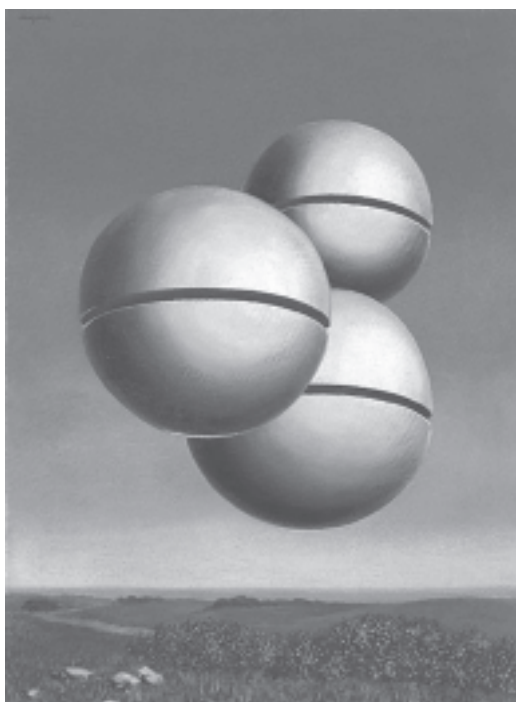
entusiastas do momento presente, que criavam atuações-kamikaze rápidas, munidos de seu corpo físico e de algo a gritar em meio à multidão.

Os body artists deram o passo de incrustar a obra na própria carne, fazendo de si mesmos a tela e a pintura, o barro e a escultura, rompendo, enfim, a separação entre o artista e a obra. Trata-se de escavar os contornos da pele, deixar-se tatuar e perfurar por ações estéticas. Orlan transmitiu cirurgias plásticas sanguinolentíssimas via internet, expondo o posterior processo de recuperação das feridas em galerias. Joaquin Sanchez, em instalação na quarta Bienal Mercosul, deita-se nu e em posição fetal numa piscina enquanto sobre seu corpo projetam-se imagens intra e extra-uterinas. A body art, apesar de poder ser vista como expressão contemporânea, apenas radicaliza, atualizando, a inescapável tendência-feitura de vestir-se de roupas, imagens, cores, de ser atravessado por palavras, culturas, de refletir modos alheios de ser no espelho aquoso-acrílico da carne.

As referências são ainda muitas, inumeráveis. Podemos dedicar ainda muitos parágrafos a uma infinidade de aleatórias possíveis origens, que abarcariam, por exemplo.. a linguagem videoclíptica (Michel Gondry e suas teogonias de quatro minutos de duração, vide 'Bachelorette' de Björk e 'Fell in love with a girl' de White Stripes); o teatro da crueldade de Artaud (a desorganização excrementícia do seu corpo

promovida pela sua crítica à representação, pelo desvelamento da tradicional tríade teatral ator-texto-espectador, pelo seu teatro ritual que privilegiou, e privilegia, uma percepção sensorial em detrimento da racionalização); os minimalismos musicais (dos tambores tribais ao sentido-silêncio de 'Kid A'); o cinema-poesia de Cocteau, Bergman e Buñuel.

Desequilibrado nas fronteiras entre os sentidos já propostos e a falta de sentido que une os devires ao não-tempo de antes de todo-qualquer passado, o performer utiliza-se de algumas línguas dessas línguas, em combinações-



sabores que variam. Vídeo, música, dança, tintas de várias solidez são jogados num quadro de quatro ou mais dimensões, onde espaço, tempo e subjetividades, entremeados e enlaçados, falam sobre si ganhando formas assumidamente lacônicas. Propondo uma arte desligada do mainstream, a performance não enquadra-se em nenhuma ►

## Nós e o Cinema

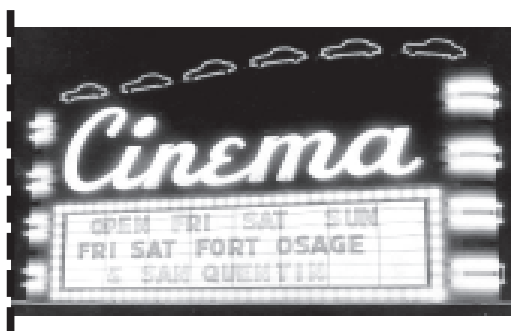
tradição artística (seja teatro, escultura, cinema, circo). Ao mesmo tempo, enquadra-se em todas essas mídias, recortando-as e colando-as num deserto-brancura sem limites precisos entalhado na cidade.

O processo criativo ganha uma importância extrema, superior mesmo à do produto final. No território sem chão e cheio de galhos de uma experimentação voltada à não-face da vanguarda, qualquer etapa do processo pode ser mostrada como fim. Muitas vezes, quando há uma data marcada para a apresentação, o trabalho poético recebe ajustes e adendos até o minuto antes do início. Em 'desinforma', a idéia de começar a performance gritando determinadas palavras (ou indeterminadas, pois se tratava das palavras *nada*, *antes*, *silêncio*, *vácuo*, *sem*) da janela do terceiro andar surgiu imediatamente antes de descer da sala onde foram feitos os, digamos, preparativos, para o saguão do prédio, o local-semipalco. (Na verdade, o caráter cênico permite o improvisado durante o ato; a criação não pára.) Individualmente ou em grupo, o processo é uma collage polifônica comparável a uma escrita automática a muitas mãos. O 'resultado final' pode variar, em termos de grau de improvisação, de um roteiro fixo e marcado (mais próximo da body art, do ballet clássico e do teatro tradicional) a um roteiro com uma estrutura propositadamente esburacada (semelhante aos happenings e ao espetáculo de dança contemporânea 'Fato.', de 2002).

Era uma vez um ponto final que, redondo, oval, petulante, perguntou para que servia. ■

Vitor Butkus (2° ano)

A partir da necessidade de confrontar novas visões do humano, o projeto "Nós e o Cinema" foi elaborado. Consistindo em apresentações periódicas de filmes seguidas por comentários de professores- o projeto visa a aproximar o universo artístico das propostas psicológicas e



filosóficas. Em verdade, o cinema seria o ponto de partida para um novo entendimento, sendo esse capaz tanto de ilustrar a realidade, como de instigar diferentes reflexões, estabelecendo, dessa forma, um diálogo entre a obra de arte e o pensamento psicológico.

Em suas edições foram assistidos e discutidos três filmes. O primeiro foi o musical "The Wall" de Alan Parker. O enredo expõe a impotência do protagonista diante da angústia, esta remediada somente com a construção de um muro entre ele e o mundo exterior. A alienação se transforma na ferramenta para suportar perdas e transtornos familiares. Nesse contexto, o convidado Edson de Souza traçou comentários utilizando aspectos psicossociais e psicanalíticos, que se revelaram acrescentadores para uma visão diversa da realidade filmada.

Em sua segunda edição, a

ultra-violência exposta em "Laranja Mecânica" de Stanley Kubrick foi apresentada. Assuntos psicológicos como mudança de comportamento e determinismo social são abordados ao longo da narrativa, ilustrando amargamente a pior face da era moderna. Com os comentários de Lisiane Bizzarro e Liliane Froeming, tivemos a oportunidade de presenciar o debate entre psicanálise e comportamentalismo.

Encerrando a série de 2003 a

animação um tanto incomum de Richard Linklater "Waking life" foi mostrada e, posteriormente, comentada pelo filósofo André Klaudat. O passeio onírico do personagem principal através de diferentes ambientes e concepções de existência acaba por instigar temáticas como sonho, morte e sentido de vida. Ao comentar a animação surrealista, o filósofo se concentrou na problemática do sonho. A contribuição da filosofia se revelou bastante produtiva, já que ao integrar disciplinas temos a possibilidade de gerar novas formas de compreensão, conseqüentemente, saindo do "lugar comum".

Para o início do ano está programada uma próxima exibição de filme, que será divulgada nos murais. ■

Manoela Carpenedo (2° ano)

**JUNTAMENTE COM O JORNAL ESTÃO  
CHEGANDO OS NOVOS BIXOS DA PSICO!  
BOAS VINDAS AOS CALOUROS!  
ESPERAMOS A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS PARA  
FAZER DO PSIU A VOZ DE TODOS!**

## 6 Ver-SUS - Vivência Estágio na Realidade do Sistema Único de Saúde

Há uma grande discussão no movimento estudantil da área da saúde quanto na formação de recursos humanos para atuação no Sistema Único de Saúde. Sabemos que há uma carência no currículo nas questões que tratam de saúde pública. Na verdade esta é uma discussão que vem sendo feita dentro de todo o sistema. Aqui no Rio Grande do Sul, no ano de 2002, já aconteceu o que seria o início de uma parceria entre a ESP/RS (Escola de Saúde Pública), órgão da Secretaria de Estado da Saúde e o movimento



estudantil para tentar trabalhar esta questão da formação na graduação. Foram três projetos: Escola de Verão (que contava apenas com alunos da medicina), VER-SUS/RS, e o 1º Congresso Gaúcho de Estudantes Universitários da Saúde, estes dois últimos projetos já contava com outros estudantes da área da saúde. Nesta sentido, o Projeto Piloto VER-SUS BRASIL,

acontecido neste verão, vem como o produto de uma discussão já feita por alguns seguimentos da área da saúde.

O Projeto Piloto VER-SUS BRASIL contou com 100 estudantes de 14 cursos da área da saúde (enfermagem, odontologia, nutrição, psicologia, medicina, farmácia, fonoaudiologia, fisioterapia, medicina veterinária, serviço social, administração hospitalar, terapia ocupacional, biomedicina e administração de sistemas e serviços de saúde) que se dividiram em dez cidades (Caxias-RS, Marília-SP, Belo

Horizonte-MG, Sobral-CE, Vitória da Conquista-BA, Niterói-RJ, Londrina-PR, Campinas-SP, Goiânia-GO, Belém-PA) que percorreram a rede do Sistema Único de Saúde, o estágio durou nove dias. Esta foi uma preparação para o estágio que acontecerá em agosto, que contará com 1.000 estudantes da área da saúde. Quem

participou do projeto agora, será facilitador no estágio do meio do ano.

A vivência trás a marca da luta dos estudantes quanto à melhoria na nossa formação acadêmica, como já foi dito antes. Muitos de nós iremos trabalhar no SUS, porém não há em nossos currículos nenhuma disciplina que contemple plenamente estas questões. O que os estudantes querem não é apenas saber o que é *atenção*

*secundária* ou o que é *acolhimento* - conceitos utilizados no sistema de saúde - mas também fazer uma discussão sobre cidadania, sobre o direito a saúde e justiça social.

Particpei como estagiária em Belo Horizonte, e lá foi possível discutir algumas destas questões. Nesta cidade, foram onze dias de estágio, a pedido da comissão local (formada por estudantes da cidade onde acontece o estágio) para que nós tivéssemos tempo de conhecer os movimentos sociais atuantes (permitindo uma discussão sobre educação popular em saúde). Conhecemos as unidades básicas de saúde (atenção primária), passamos pelas unidades de pronto atendimento e policlínicas (atenção secundária) e os Hospitais, entre outros serviços. Conversamos com as gerências de diversos lugares, com líderes comunitários e profissionais da saúde. Falamos pouco com os usuários. No final de cada dia nós discutíamos tudo o que havia acontecido e embora o objetivo nosso fosse fazer uma avaliação do estágio, era inevitável que nós acabássemos analisando também o sistema. Isto tudo estimulou, ainda mais, um sentimento de luta pela igualdade social, algo parecido com o que aconteceu na década de 70 com a Reforma Sanitária.

Em agosto, haverá estágio em Porto Alegre. Os estudantes interessados em participar, como estagiário ou como comissão local, podem informarem-se no DAP (Diretório Acadêmico de Psicologia). ■

*Daniela Duarte Dias (4º ano)*

Obs: aqui no nosso Instituto de Psicologia há uma disciplina eletiva que discute Políticas Públicas.

A Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre está fazendo uma **versão municipal do projeto VER-SUS**. No final de Abril haverá um Projeto Piloto (com estudantes de Porto Alegre) e em Julho/Agosto haverá um projeto que contará com aproximadamente 70 estudantes da área da saúde. Para nós, estudante, isto é muito importante na medida em que nos permitirá conhecer a rede de saúde de nossa cidade e a partir daí discutir a nossa graduação além de concepções de saúde entre outras coisas.

O **SAÚDES**, grupo formado por estudantes (e agora conta também com profissionais) da área da saúde, completa 1 ano de existência agora em março. Ele começou a partir de um Conversando sobre Projeto de Lei do Ato Médico, que na verdade, trazia implícito uma demanda de discussão dos estudantes sobre interdisciplinaridade e todas as questões ligadas a saúde como o SUS, Pólos de Educação Permanente em Saúde, VER-SUS...

Hoje o grupo já possui um **projeto de Extensão** chamado **INTERRECICLA-GEM**, que acontece num Galpão de Separação de Lixo do Bairro Restinga. Neste projeto participam estudantes de seis cursos da área da saúde (psicologia, enfermagem, odontologia, nutrição, medicina e farmácia) e também alguns profissionais de psicologia e odontologia.

Para participar é só informar-se no DAP.

## Prestação de contas do DAP outubro a dezembro

Data	Histórico	Débito	Crédito	Saldo
	Saldo anterior			647.86
13-Oct	Faixa do Psico 8 e 1/2	25.00		622.86
14-Oct	Xerox (divulgação Psico e 8 1/2)	4.20		918.66
16-Oct	Xerox (tickets Psico e 8 1/2)	1.05		617.61
16-Oct	Cerveja e gelo (Psico 8 e 1/2)	903.00		-285.39
16-Oct	Gelo (Psico 8 e 1/2)	18.00		-303.39
16-Oct	Copos e sal (Psico 8 e 1/2)	56.60		-359.99
16-Oct	6 tonéis	5.00		-364.99
16-Oct	Renda do Psico 8 e 1/2		1317.10	952.11
20-Oct	Xerox (divulgação do filme Laranja Mecânica)	0.70		951.41
22-Oct	Água (debate do Laranja Mecânica)	2.40		949.01
23-Oct	Bloco de recibos	1.70		947.31
31-Oct	Inscrições do campeonato de futebol		280.00	1227.31
31-Oct	Aluguel das quadras e local do galeto	235.00		992.31
31-Oct	Medalhas do campeonato de futebol	25.20		967.11
31-Oct	Inscrições galeto		77.00	1044.11
31-Oct	Gastos com galeto	62.00		982.11
6-Nov	Xerox (divulgação da festa à fantasia)	8.00		974.11
6-Nov	Copos e gelo (Psico 8 e 1/2)	17.37		956.74
6-Nov	Cerveja e gelo (Psico 8 e 1/2)	130.81		825.93
6-Nov	Renda do Psico 8 e 1/2		172.50	998.43
13-Nov	Cartão telefônico	3.80		994.63
15-Nov	Cerveja p/ arrecadar \$ p/ Enep	44.28		950.35
5-Dec	Gancho p/ rede	6.40		943.95
31-Dec	<b>SALDO FINAL DO ANO</b>			<b>943.95</b>
	TOTAL DE GASTOS	1550.51		
	TOTAL DE ARRECAÇÃO	1846.60		

Quer ficar por dentro do que acontece no DAP? Entre para a lista do diretório: [Tomada\\_do\\_DAP-subscribe@yahoogrupos.com.br](mailto:Tomada_do_DAP-subscribe@yahoogrupos.com.br)

# Agradeço por conseguir escrever

Em primeiro lugar quero colocar da honra que sinto de ter sido convidado para escrever para o jornal do Diretório Acadêmico. Para mim é um compromisso e tanto escrever para meus futuros colegas, professores, funcionários e para outros que irão ler o presente texto. No entanto, mais difícil ainda é escrever sabendo da leitura dos amigos, que estão em todas as categorias de atividades dentro (e fora) do Instituto. Crédito tal nível de responsabilidade para com os últimos, pois eles já esperam algo de mim; os outros ainda irão conhecer-me com o tempo e, portanto, não sabem o que há de vir dessas mal-tratadas linhas.

Esse quadro acima descrito pode explicar parte, porém não toda, aquela nossa apreensão de escrever. Confesso a vocês (e que fique entre nós, viram?!), que por muito tempo fiquei a relutar sobre

o que escrever para tamanha empresa. Mil idéias passaram pela minha cabeça: Histórias do DAP, desde antes d’eu entrar, passando por minha “estada” dentro da “instituição” DAP; histórias de quando fui representante dos alunos nos departamentos; histórias do período em que fui aluno pesquisador (detalhe: algumas vezes fui bolsista, mas não a maioria das vezes); histórias das festas, etc. Dessa última eu fiquei tranquilo, pois logo descartei (ia ter muita gente analisando coisa que não deve, não é?! E a censura não deixaria passar sem uma tarja tipo “proibida para menores”); Das outras, tive quase *pesadédalos*, como diria Donald Joyce<sup>1</sup>.

Não quero nem de longe discutir o processo e o produto da criação joyciana/schüleriana;

deixarei essa alegria estudantil atravessar-me para que a arte ajude a pensar a vida.

Para escrever, tive *pesadédalos*, isso que quis dizer. Vejam, não foi para pensar nos assuntos, nem como seriam os textos; realmente a dificuldade era para escrever. Vocês, colegas estudantes, conhecem muito de perto tal dificuldade: “É que tá tudo aqui, na cabeça. Só falta colocar no papel”. *Pesadédalo*, como poderíamos lê-lo, peso labiríntico, peso da



confusão. *Pesadelo de Dédalos*, o arquiteto construtor do labirinto de Creta. Parece-me muito emaranhado escrever. Muitas idéias brotam, sobrepõem-se umas as outras, tomam de assalto nossa composição. Porém, ao mesmo tempo que nos é confuso ter muitas idéias na cabeça, também nos é menos doloroso que enfrentar as perdas da publicação. O que é publicado, ‘inda mais pela escrita, sinto como irrevogável. Não é o mesmo eu falar algo e escrever sobre o mesmo assunto. Tenho a impressão que é necessário dar mais acabamento as palavras, desenhá-las e dar consistência a seu conteúdo. Mais que isso, não poderei deixá-las desaparecer no

vento; elas participam de outro registro.

“Mas tem gente que diz que sou preguiçoso ou que não sei escrever, por isso não escrevo no tempo certo.” Olha, das duas, uma: ou a pessoa não escreve e não sabe a dimensão disso, ou escreve como se tivesse fazendo uma receita de bolo, relatando meia-dúzia de itens que, se o resultado der errado, é possível por a culpa no forno ou nos ingredientes. Escrever é foda! É porque é bom, mas dá trabalho! Dar-se conta, em tempo real, que o que se escreve não é tudo o que se quer dizer, não é um mero probleminha. Logo depois deixar minhas marcas no papel, saio às vezes satisfeito e com certeza exausto. Essa questão, que é a essência do ato de escrever, sempre é relegada a terceiro plano. Se trabalhássemos melhor

isso, a saber, com o parto que é escrever, teríamos filhos mais saudáveis, fortes, dinâmicos e inteligentes.

“É preciso conhecer o campo de trabalho, preparar instrumentos eficientes, pensar as melhores estratégias, para só aí podermos alterar uma situação” dirão para amenizar alguns quarentões. Pois digo: isso explica, mas não justifica. ■

Fábio da Costa  
 Psicólogo  
 (Zapata@portoweb.com.br)

<sup>1</sup> Donald Schüler, mestre dos mestres e aventureiro, que inventou de traduzir um maluco genial, James Joyce.